



Considerações finais

Autor(es): Peixoto, Paulo

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/39329>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1025-2_14

Accessed : 4-Apr-2017 10:25:58

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

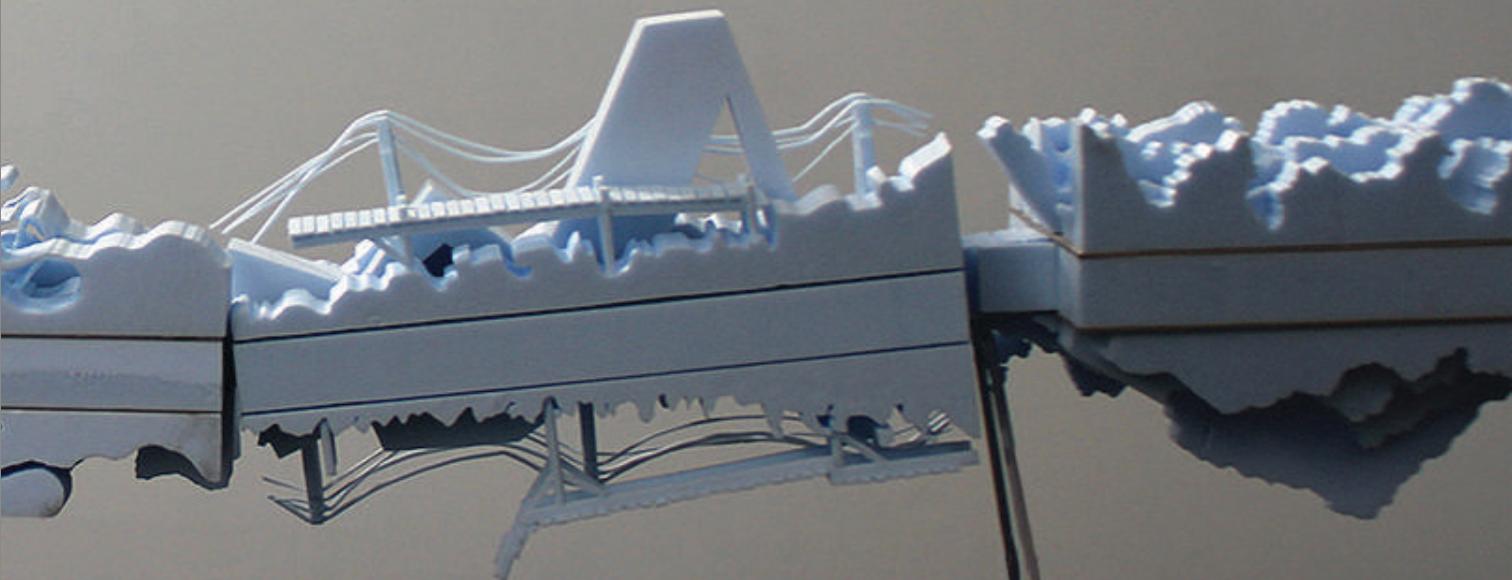


A ÁGUA COMO PATRIMÓNIO

EXPERIÊNCIAS DE REQUALIFICAÇÃO DAS CIDADES
COM ÁGUA E DAS PAISAGENS FLUVIAIS



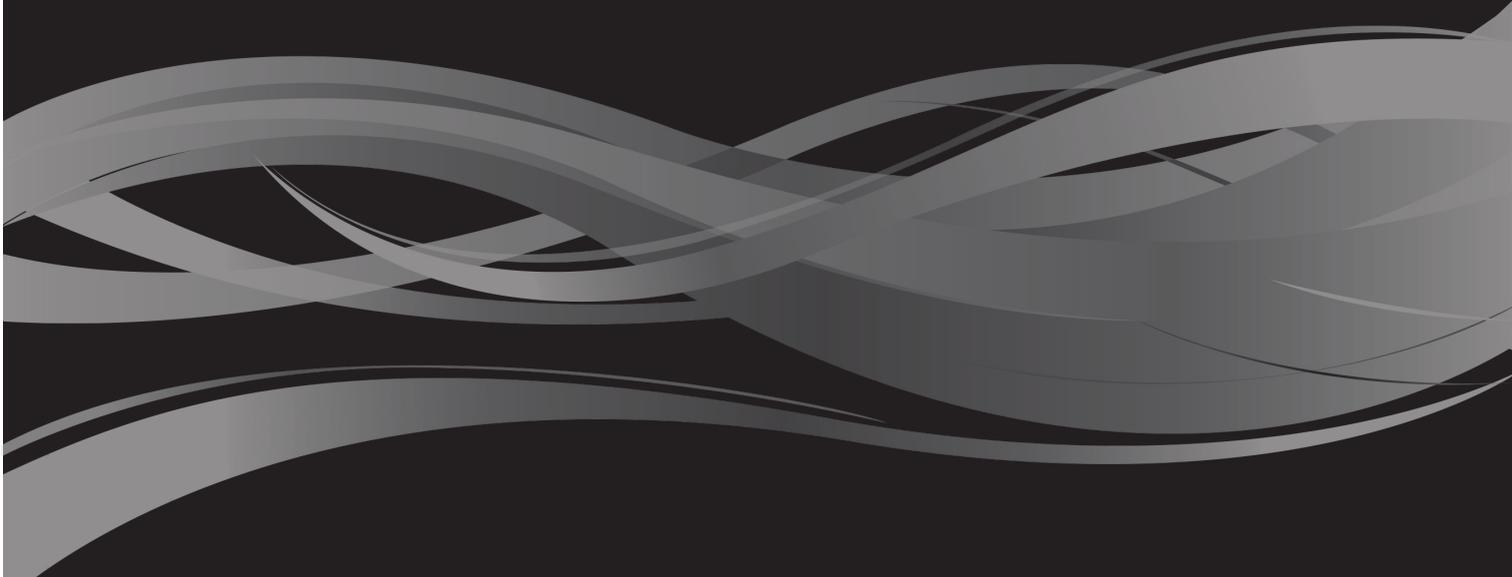
PAULO PEIXOTO
JOÃO PAULO CARDIELOS
(ORGS.)

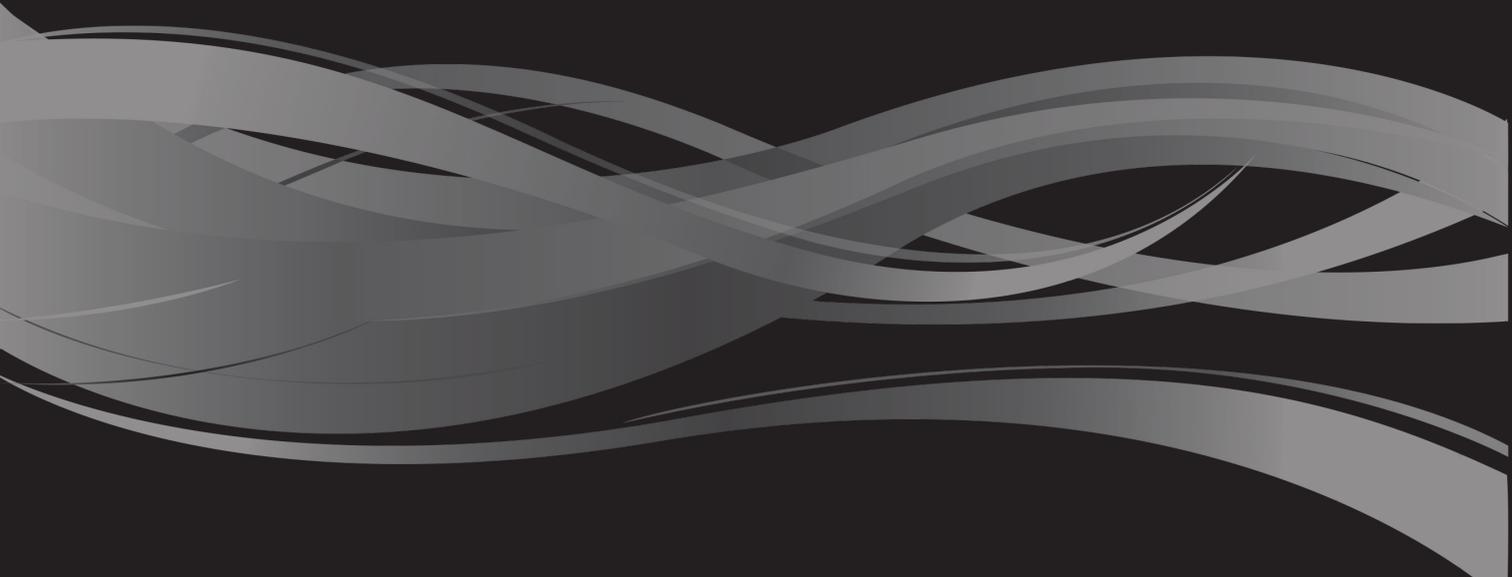


IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Considerações finais

PAULO PEIXOTO





Esta obra resulta de um projeto internacional, desenvolvido em 4 países. Trata-se de uma versão em português, revista e abreviada, do livro “Acqua come patrimonio – Esperienze e *savoir faire* nella riqualificazione delle cita d’acqua e dei paesaggi fluviali” (organização de Romeo Farinella, editora Aracne, Roma). Está dividida em 3 partes. Numa primeira parte é enunciada a problemática. Na segunda parte, sob a forma de Atlas, é feito um diagnóstico dos 4 territórios. Por fim, na terceira parte, apresentam-se os 4 projetos de intervenção, consubstanciando ideias e propostas concretas para os territórios abrangidos pelo projeto.

Inseridos em contextos muito díspares, sob vários pontos de vista, e enquadrados em escalas, também elas, muito diferenciadas, os 4 territórios são estudados e problematizados a partir de uma perspectiva comum. A água, sob as diversas formas em que está presente em cada um dos territórios, é encarada como um instrumento de planeamento urbano, de modo a facilitar abordagens metodológicas e a comparação de experiências que fomentem oportunidades de requalificação territorial a partir de intervenções baseadas na presença da água.

A conceção e o desenvolvimento do projeto que sustenta esta obra empresta-lhe um caráter *sui generis* que consideramos enriquecedor. Porque envolveu um vasto número de pessoas, misturando o olhar académico, o olhar técnico, o olhar político e olhar cidadão. Porque privilegia uma leitura integrada dos territórios, evitando abordagens meramente estéticas, lúdicas ou exclusivamente centradas num determinado ponto de vista, permitindo, por essa via, problematizar a água como instrumento de planeamento regional e urbano. Ou porque, sem esgotar os argumentos, incrementou uma prática interdisciplinar, globalmente considerada pelos participantes como um eixo fértil de produção e de difusão de conhecimento.

Um dos maiores desafios, e poder-se-ia acrescentar dos maiores dramas, das civilizações urbanas em que vivemos é a relação individual e coletiva que mantemos com a água. Situação que é transversal e abrangente, envolvendo pessoas em condições sociais muito diferenciadas e países com níveis de desenvolvimento muito díspares. A água é o maior desafio civilizacional dos nossos dias. E se esse desafio não se faz mais presente é porque, paradoxalmente, a água é, para muita gente, um elemento visualmente omnipresente. Esse paradoxo pode ser ilustrado se retivermos o exemplo de uma metrópole como São Paulo, onde milhões de pessoas circulam e permanecem, presas no tráfego, quotidianamente, nas margens de um dos rios que atravessam a cidade. Para, à mínima anomalia pluviométrica, se darem conta das necessidades de racionamento e terem que enfrentar mudanças de comportamentos de usos para os quais não estão nem sensibilizadas, nem preparadas. Tanta água e sem água.

Diversos organismos internacionais introduziram há muito as questões da água nas suas agendas e nas suas prioridades. Desde que a ONU organizou, em 1977, a Conferência da Água, vários eventos se seguiram perseguindo objetivos semelhantes. A UE, como esta obra revela, nascendo o projeto que está por trás deste trabalho dessa orientação, tem ela própria vindo a consolidar uma política abrangente para a água. Aqui e ali, multiplicam-se os eventos que sensibilizam as pessoas para a importância civilizacional da água. Ainda que estes eventos não obedeçam a uma lógica meramente comemorativa ou simbólica, a questão essencial não é de sensibilização para a pluralidade de problemas ligados

à água. A questão essencial passa por introduzir as questões da água no cotidiano das pessoas. Sobretudo daqueles que a usam como não deveriam usar. Por isso se torna tão importante converter a água num instrumento incontornável de planeamento urbano e regional.

A acesso a água potável – que é uma miragem para milhões de pessoas; viver quase exclusivamente para garantir quotidianamente a água indispensável à sobrevivência – como acontece com milhares de mulheres e crianças obrigadas a calcorrear diariamente muitos quilómetros; a morte dos rios – que se tornou um fenómeno global – devido à poluição, ao desenvolvimento ou ao crescimento urbano; as alterações climáticas e os seus efeitos nos ciclos da água, na produção agrícola e nas reservas sólidas do Planeta – que estão em vias de agravar uma catástrofe que se anuncia; são, todas elas, questões mediáticas e prementes. Muitas vezes parecem ser apenas o problema de alguns. Tanto mais que nos países mais desenvolvidos a água entrou, nas últimas décadas, numa dimensão patrimonial e paisagística. Este estatuto, por um lado, renova e reinventa as funções sociais da água, mas, por outro lado, insere-a também numa dimensão de extraordinariedade e de espetacularização que não é propícia a uma gestão integrada da água. Os eventos e os equipamentos que alimentam este novel estatuto da água, por regra, estão localmente enraizados e obedecem a uma lógica concorrencial que os afasta da função primordial que a água sempre teve como formatadora de territórios que partilham um destino comum. É esse o seu *ethos* patrimonial.

O projeto desenvolvido e os 4 casos estudados não têm a ambição de discutir todas estas questões. Na sua imensa diversidade, o que os 4 casos nos mostram é uma história comum de interesse recente pela água e pelas paisagens fluviais enquanto instrumento de planeamento, contrastando com um trajeto, mais ou menos longo, de profunda transformação, mas também de menosprezo, negligência e maus-tratos. Os 4 casos partilharam também, pela mobilização de agentes diversos, esse esforço de inscrição no quotidiano das pessoas dos desafios inerentes à água, da relação da água com a memória coletiva, da importância da água para o *ethos* local e o seu papel no domínio da requalificação e da regeneração urbana. Porque a água será, pelo menos tanto quanto foi no passado, um elemento estruturante das nossas vidas, este livro procura lançar algumas pontes para o futuro, ambicionando que as problemáticas levantadas e as sugestões deixadas possam ter relevância local, sendo ao mesmo tempo inspiradoras para pensar outras realidades.